

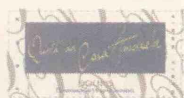
Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto					Âmbito: Nacional	Tiragem: 20862
Título: Insularidade, por Célia Lourenço					Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 1.7
2006/05/12	DIARIO ECONOMICO – DINHEIRO & OCIO	Pág.19	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

# Sala de provas

Célia Lourenço

## INSULARIDADE

O que têm em comum os vinhos da "Quinta da Casa Amarela" e os "Ázeo"? À partida, o facto de serem vinhos do Douro e não muito mais... aliás, é fácil e quase intuitivo falar das diferenças, uma vez que parece não haver pontos comuns. A primeira, que não é inédita como motivo da Sala de Provas, é uma quinta que encontra o seu espaço na margem esquerda do Douro, entre a Régua e Lamego, cujos vinhos são verdadeiros "vinhos de quinta", ou seja, todas as uvas têm origem na propriedade (vinhas velhas). A produtora, Laura Regueiro, personifica uma figura forte, embaixadora do Douro enquanto património, defendendo apaixonadamente essa paisagem e toda a sua história. Quanto aos "Ázeo", são feitos a partir de uma selecção de várias proveniências, sendo o seu produtor, João Brito e Cunha, um dos protagonistas de uma nova geração de enólogos que, no Douro, encarnam inovação, criatividade, investigação e, sobretudo, o maior respeito por uma herança que querem enriquecer. Se Laura Regueiro produz vinhos tintos e portos (branco, tawny 10 anos e ruby reserva), Brito e Cunha começou com um tinto e um branco, estando agora a lançar um rose (os "Ázeo" serão os vinhos que iremos provar numa próxima semana).



Na passada sexta-feira, dia 5 de Maio, os dois produtores mostraram que têm muito mais em comum do que possa parecer, juntando os seus vinhos numa prova que aconteceu em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel. Organizada pela garrafeira "A Vinha", grande responsável pela dinamização deste tipo de eventos e pela divulgação do vinho nos Açores, a prova decorreu no Hotel Marina Atlântico, havendo depois a oportunidade de experimentar o lado gastronómico destes vinhos num jantar de degustação. A organização primou por um rigor que se traduziu na base para que tudo corresse bem... e correu. Enquanto os produtores provaram as suas afinidades numa paixão e empenho reflectidos em diferentes leituras, interpretações e linguagens, numa diversidade que mostra bem a riqueza do Douro, foi uma surpresa encontrar, fora do que consideramos (muitas vezes erradamente) o habitual círculo mais ligado aos grandes centros urbanos ou mais próximo das grandes regiões vitivinícolas, um grupo tão alargado e, sobretudo, tão interessado. Mas a verdade é que estavam cerca de 60 pessoas completamente receptivas à novidade, nas quais se percebia uma louvável naturalidade na abordagem a este tipo de assuntos. Não se tratando de grandes produções, era ainda mais surpreendente a adesão. Depois, foi sobretudo pela qualidade que os vinhos foram apresentando ao longo da prova, que o interesse e a participação foram aumentando. A geografia acabou, afinal, por não ser tão importante... ou melhor, talvez seja exactamente a insularidade e todo o afastamento por ela provocado que causa também tão grande aproximação... ■